

OS SENTIDOS E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Vanessa Stollar, Luiza Helena Christov. – Educação- Educação Artística- Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação -Instituto de Artes- Unesp - Campus São Paulo.

A presente pesquisa é na verdade um estudo prático/teórico sobre o processo de arte educação em uma escola municipal de São Paulo, na 3ª série do ensino fundamental com quarenta crianças entre nove e onze anos de idade. Trabalhamos em três pessoas, o que para mim está sendo muito bom, pois sempre podemos compartilhar experiências e idéias. Nossas aulas acontecem às segundas e duram em média cinquenta minutos. E também uma vez por semana acontece um encontro semanal de reflexão sobre essa experiência, na Unesp.

Com o objetivo de estimular a percepção e a autoconfiança, trabalhamos muito com a experimentação de diferentes materiais, e escolhemos a contação de histórias como eixo metodológico para as nossas aulas. Nelas diferentes histórias são narradas de maneiras diversas, enfatizando cada dia um dos sentidos perceptivos, e os temas fazem referência ao dia a dia das crianças, mas que muitas vezes passam despercebidos ou são considerados comuns, como o preconceito e a discriminação. Temos muito cuidado com as palavras que usamos, assim como na maneira com que agimos, pois eles parecem dispersos, mas estão atentos a tudo e têm em consideração o que fazemos e falamos. Queremos ajudá-los a se expressar, no sentido amplo da palavra, isso não significa que queremos formar artistas, mesmo porque acredito que o aprendizado é um processo contínuo e mútuo, e minha função é ajudá-los como sujeitos ativos.

Devido a todo contexto social e cultural, eles parecem presos ao certo e errado que a sociedade os impõem, são receosos de mostrar as próprias idéias, mas quando estimulados têm muito a revelar. No primeiro exercício que fizemos, contamos a história do Marcelo do livro de Ruth Rocha, “Marcelo, Marmelo, Martelo”, perguntamos quem já conhecia a história e muitos já conheciam, pensei que eles não se interessariam em nos ouvir, pois íamos apenas ler a história, mas quando começamos a contar foi fantástico, eles ficaram atentos ouvindo, e eu ainda podia até ouvir algumas risadas e ver um olhar arregalado de interesse. Depois propusemos que eles fizessem um desenho de algo que gostariam de mudar o nome, ou que achassem que o nome estava errado. Alguns começaram a desenhar rápido, outros ficaram pensando mais tempo. Apareceram muitas casas, que se chamavam moradeiras, camas, dormideiras, alguns carros e estrelas. Duas meninas desenharam o colégio, uma sempre copiava o desenho da outra, mas agora já usa suas próprias idéias. As crianças, em geral, mantinham o nome das coisas e mudavam apenas o sufixo, mas apareceram nomes muito criativos, uma menina deu o nome de portamelões para o sutiã, e chamou sorvete de congelador de cérebro. Um desenho chamou a atenção, um carrinho cujo nome era “contra o desarmamento”.

Aos poucos conseguimos notar a particularidade de cada aluno, e isso ajuda muito em nosso trabalho. Na segunda história que contamos, por exemplo, os personagens eram tecidos variados e nós ficávamos escondidas manipulando os panos. Em outra ocasião, focamos na sonoplastia da história e pedimos para que as crianças fechassem os olhos e dessem diferentes significados para cada um dos sons que fazíamos. A narração de histórias não acontece em todas as aulas, pois a história pode ter seguimento de outras maneiras na aula posterior. Também procuramos sempre levar materiais diversos e trabalhar a imaginação. Percebemos que quando pedíamos um desenho a maioria, primeiro, fazia a lápis depois contornava e por fim pintava, sempre buscando aprovação. Estamos aos poucos tentando mostrar que cada um possui seu traço e que não há certo e errado. Em um exercício levamos tinta e uma pequena esponja, e pedimos para que eles molhassem o papel com tinta e a deixassem escorrer sobre o papel sem fazer formas definidas, depois trocamos os resultados e cada um iria interferir no trabalho do colega, escrevendo e desenhando por cima o que a imagem formada poderia ser. Houve resultados muito criativos como de uma menina que viu em uma folha com muitas cores misturadas e escuras o rio Tiete. Conhecendo mais os alunos percebemos que o planejamento da aula deve levar em consideração o tempo super acelerado de

pensamento e ação das crianças, do convívio com a linguagem multimídia, o excesso de informações do cotidiano, e o contexto social em que elas vivem. Muitas ações, aparentemente exageradas, são pedidos de atenção. Paralelamente, presenciamos algumas cenas violentas na sala, e vemos muitas demonstrações de afeto. A contação de histórias foi muito bem aceita pelos estudantes. Apesar da aula sempre de morar para começar, pois demora para que todas as crianças escutem a nós e a si mesmas, durante a contação todos permanecem atentos, com olhares fixos de interesse, e participando conosco e com os personagens. As histórias despertam a curiosidade e o lado lúdico, que muitos deles já não se permitem ter.

Deparamo-nos com muitos problemas como a violência verbal e física em sala de aula, com a ideia presente na sociedade que se reflete em sala de aula que educação artística é um curso para relaxar das matérias “sérias”, e com o analfabetismo e semi analfabetismo de muitas crianças, que passam de ano sem saber ler e escrever. Para a minha alegria as aulas, aos poucos, estão atingindo nossos objetivos. Uma menina que não tinha vontade de participar e sempre copiava o desenho de uma colega agora dá credibilidade ao que faz, conta para mim sobre ideias interessantes que teve durante os exercícios dados em sala e até começou a escrever, coisa que ainda não fazia. Para mim é importante que eles saibam com os nossos encontros que têm voz, mas também é muito bom ouvir, sentir, e que eles são de uma importância enorme, e muito capazes. Sei que o que é passado em nossas aulas muitas vezes se contradiz na sociedade, por isso os instigamos a pensar a questionar, a não aceitar tudo, mas sim a respeitar. Encontro muitas limitações durante as aulas, de vários âmbitos, mas para liberta-se dessas limitações é preciso refletir sobre elas de uma maneira comprometida e transformadora. O ensino de arte não pode ser alheio à realidade do aluno deve despertar a consciência social e não fazê-la morrer. A arte é uma linguagem que se comunica com diversas outras, assim como uma dificuldade em matemática pode se dar pela não compreensão do enunciado de um exercício, a educação pela arte pode ser um instrumento para a quebra do silêncio expressivo que ainda persiste.

Referências Bibliográficas:

Barbosa, Ana Mae. *Arte-educação: Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997; *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

Read, Herbert. *A Educação pela Arte*. [Siqueira, Walter Lellis; tradução] São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Rousseau. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 3ª ed.

Piaget, Jean. *Problemas de psicologia genética*. [traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero] São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Platão. *A alegoria da caverna*

Derdyk, Edith. *Linha de horizonte - por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001.